

1. Suspensão de 1 a 3 mezes, e o dobro do tempo na reincidência.

2. Demissão do cargo, mediante processo disciplinar perante o conselho superior de ensino, quando seja reconhecida e provada sua habitual negligencia no comprimento d'estes deveres.

Revogão-se as disposições em contrario.

Palacio do governo do estado federado da Bahia, 10 de Janeiro de 1890.—(Assignado)—Dr. MANUEL VICTORINO PEREIRA.

A reforma da Faculdade de Medicina

No numero d'ê 8 de Novembro do *Brasil Medico* deparamos com um artigo intitulado «A reforma da Faculdade de Medicina» e que nos chamou a attenção pelo vigor dos conceitos e absolutismo das ideias, mas ao qual desejaríamos fazer algumas considerações, com permissão do seu author.

O articulista a quem não falta talento, mas a quem nós desejaríamos mais alguma attenção ao estudo da historia das nossas Faculdades, começa lamentando que a reforma de 1882 tivesse emprestado a mesma orientação e eguaes favores aos dois estabelecimentos de ensino, sem poder equiparal-os quanto a sua importancia e destinos.

Em primeiro logar extranhámos em um espirito culto este termo *emprestando-lhes* em materia de ensino.

O governo que dá certa latitude á instrucção de um povo, não lhe empresta cousa alguma, o que presuppõe sempre um favor, cumpre o seu dever, e merece elogios por isto.

Quanto á equiparação, eu não sei se, por mais modesto que seja um competidor possa alguém pretender devassar-lhe os destinos e a futura importancia, principalmente quando se trata de instituições modernas de ensino, em um povo que se levanta e civilisa, e a quem pouco falta para lançar-se no caminho de um progresso lisongeiro.

As instituições, mesmo as mais decadentes, mudam, transfor-

* mam-se de uma hora para a outra por meio de reformas e Circumstancias diversas, sem que felizmente concorram para isto os seus detractores ou aquelles que tomam a si a ingrata tarefa de allegar-lhes as faltas.

E se assim não fosse seria difficil comprehender o progresso.

* Esta maneira mahometana de considerar fatalmente as cousas orientadas para altos destinos, ou condemnadas á pequena importancia é o velho vicio turco que a civilisação tem incompatibilisado com a sua marcha.

O author continua dizendo que quando se fornece a uma corporação atrasada os meios de avantajar-se, ella baqueará, que as differenças entre as faculdades da Bahia e Rio eram enormes antes de 1882, que as condições de séde, o estado de civilisação da cidade fluminense e o estado opposto da Bahia, phrase dura que a delicadesa do articulista faz calar depois de a ter dado a entender, o numero de alumnos, os recursos de que dispunha para a aprendizagem d'estes, a facilidade de obter pessoal docente bem preparado; todas estas vantagens, faziam attestar a todo o mundo a superioridade da faculdade da capital e a sua importancia comparada á da provincia.

Lendo este periodo nós hesitamos muito tempo sobre a sinceridade de seu author e d'isso lhe pedimos desculpa.

Sem pretendermos negar os progressos que a cidade fluminense possui, alguns que a equiparam ás grandss cidades europeas, ella não póde comtudo ainda competir com as magnificas capitães do mundo, nem quanto aos esplendores dos monumentos, nem quanto a magestade das instituições, nem quanto á belleza das vias publicas, nem quanto a elegancia e o luxo dos particulares.

Por mais que se concorde quanto á barbarie das cidades provincianas não se pode porém admittir que seja o Rio um modelo inexcédível.

A magestade que os grandes povos imprimem a tudo que é publico não tivemos a fortuna de ver alli.

Foi pelo menos a impressão que nos deixou o Rio quando o visitamos, já na decadencia da éra imperial.

Francamente, ouça o collega do *Brasil Medico*, se a pessoa que escreve estas linhas tivesse um filho e quizesse dar-lhe o exemplo vivo que as licções das viagens imprimem, se quizesse infundir-lhe o respeito pela nacionalidade brasileira não preferiria sempre a capital de sua centralisação.

Sem querer tocar de modo algum nas instituições, mas referindo-me aos homens que formam o meio de que tanto se falla no artigo alludido, pode-se dizer que ao lado de alguns, verdadeiramente distinctos como Michler, como Kopke, como Freire, e que não são os que mais se reclamam, os que mais se apregoam, e bem pelo contrario os que menos ruido fazem no meio que honram, ha tambem muita mediocridade dourada, muita gente em quem o arremedo de uma raça mais espiritosa nem sempre é feliz, e que em todos os ramos de conhecimentos não tem o bater forte e seguro das boas pulsações, e que só as boas culturas intellectuaes podem dar, e o que se torna impossivel em um meio, desculpe-me ainda o collega, em que a instrucção ainda não é muito bem ministrada.

Eu levaria o meu filho a toda parte onde encontrasse um povo rico de tradições e de factos, não tendo a vida febril, agitada, viciosa e vadia das grandes cidades; mas onde encontrasse, não uma cidade, mas uma nação, um povo laborioso, morigerado, sem pretensões á superficialidade da civilisação, mas comprehendendo e honrando esta grande expressão como o da Allemanha, Suissa, Inglaterra ou Estados Unidos.

E o collega, que é um dos escriptores mais elegantes do meio scientifico fluminense, sabe-o tão bem como eu.

O author estende-se em seguida sobre o numero de alumnos que devia influir para que fosse ainda melhor aquinhoada a Faculdade do Rio etc.

Se o collega do *Brasil Medico* se tivesse dado ao trabalho de compulsar as estatisticas da Faculdades não fallaria tanto na frequencia dos alumnos do estabelecimento fluminense e a dif-

ferença considerável que suppõe aqui. Veria que a frequencia na Faculdade da Bahia foi em certos annos enorme; que os paes e os estudantes preferiam estudar aqui, ora alguns annos, ora todo o curso, a fazel-o no Rio.

E admittindo mesmo que esses alumnos fossem pouco numerosos na Bahia, não é a um leigo na materia mas a um homem que sabe de certo tudo que se tem dito sobre este assumpto tão delicado do ensino, que eu lembro que a accumulção é não raras vezes um grande mal á aprendisagem e aos exercicios dos laboratorios, alem das desvantagens pelo lado da hygiene, que não me atrevo a apontar por demais conhecidas.

A existencia de poucos alumnos, tambem não é rasão para que se ministre em um estabelecimento ensino mais deficiente do que em outro congenere. Seria para isso preciso confessar que o material do ensino não existe para que muitos ou alguns trabalhem, mas para simples objecto de ostentação.

Na Belgica e em muitos outros paes da Europa, ha universidades, separadas umas das outras por uma ou duas horas de caminho de ferro; os estudantes de Gand, por exemplo, deviam ir todos estudar a Bruxellas, onde a universidade, no entender do collega do *Brasil Medico* devia ter melhor ensino, mais completo, mais de accordo com o meio de uma capital.

Felizmente ninguem vae-se constituir advogado de taes ideias na Belgica.

O author do artigo do *Brasil Medico*, na propaganda que se propoz fazer da depreciação da faculdade da Bahia, falla muitas vezes na população; sempre que se refere ao meio, e não se dá isso poucas vezes, toca n'esse ponto que lhe parece de maxima importancia para os seus fins.

Supponho que o ter uma cidade população inferior a da capital do paiz, não é rasão para que tenha o ensino medico da sua faculdade muito inferior ao d'aquella.

E sobre este assumpto permitta o author que cite aquella opinião tão authorisada como criteriosa que defendia na *Gazeta*

Medica da Bahia em 1877 o ensino medico com uma larguesa de vistas que infelizmente nem todos ainda hoje possuem.

Na pag. 341, vol. 2º da 2ª serie encontra-se o seguinte:

«Organisem-se em nossas Faculdades de Medicina os institutos practicos, como possuem todas as Universidades d'Allemanha, desde a grande Universidade de Vienna, com uma frequencia superior a 1500 estudantes de medicina, até as pequenas Universidades de Heidelberg, Yena, Innspruch, Kiel, Freiburg que tem apenas 100 ou menos estudantes.

«Os resultados brilhantes obtidos com a sabia organização d'estes institutos nas faculdades d'Allemanha e Austria tem sido universalmente admirados e a propria França, ciosa de sua antiga primasia, trata de reformar hoje o seu ensino medico, collocando-o na altura em que se acha n'aquelles paizes.»

E continuava pedindo para as nossas Faculdades de Medicina um instituto anatomico, um de physiologia e um de pathologia, um gabinete e laboratorio de physica, um de chimica mineral e organica, um de zoologia e anatomia comparada, um horto botanico, herbario, e laboratorio para histologia e physiologia vegetal, um de pharmacologia ou de hygiene para analyse do ar, aguas e alimentos e um observatorio meteorologico. E accrescenta: «Para apreciar a importancia dos institutos practicos, os admiraveis progressos que elles tem produzido á sciencia, e a alta reputação que tem creado, basta citar os nomes dos professores que os dirigem, ainda nas mais pequenas universidades e que ahi n'esses limitados theatros tem adquirido uma nomeada universal; e cita Schultze, em Bonn, assim como Pflugge e Rindfleisch, Henle, Krause e Meissner em Gottingen, Volkmann, Vogel, Goltz, em Halle, e assim por diante.

Já vê pois o escriptor do *Brazil Medico* que não é só nas capitaes que se fazem os especialistas.»

O Dr. Pacifico, author do artigo referido, termina com as seguintes palavras, que cabem ainda como uma resposta as

ideias de limitação do ensino para a faculdade da Bahia que o artigo do *Brazil Medico* se propõe sustentar.

«Nada de meias reformas, que por estereis se tornam inuteis, e deixam sahir das faculdades, em vez de praticos instruidos, moços famintos de saber.»

Além d'isto em que compendio de direito publico se irá buscar a theoria de que se deve dar aos alumnos das capitães ensino mais completo do que aos das provincias ?

Porque ministrar ao alumno A ensino atrasado, ao alumno B ensino adiantado ? Porque este capricho ? Em que necessidade publica ou outra originou-se esta selecção odiosa ?

Quanto ao pessoal docente bem preparado na Faculdade da antiga côrte e logica incapacidade do da Faculdade provinciana, eu acho assumpto este um pouco delicado de mais, para ser tratado com a leviandade de quem escreve um artigo de critica ou uma replica.

Estes homens merecem todos o nosso respeito, porque cumpriram quasi todos o seu dever.

Alguns, os da Faculdade fluminense, entre as glorias da côrte e da cathedra ; os de cá muito modestos, sem titulos, sem grandes proventos, contentando-se com a consciencia da obrigação feita, e o reconhecimento dos seus discipulos e do publico.

E' provavel que alguns d'elles não tivessem comprehendido a altura do seu trabalho ou que não tivessem podido fazel-o. Consulte porém o collega as tradições e é provavel que ellas não accussem só aos professores da Faculdade provinciana.

O periodo finalisa dizendo que todo o mundo de bom grado attestaria a superioridade e a importancia da Faculdade do Rio comparada á da Bahia ; d'essa faculdade do Rio que achava-se entretanto tão incompativel com o meio em que funccionava, que a opinião publica representada pela classe medica pedia uma reforma grande e radical, o que indica que tambem não era um modelo a Faculdade superior.

Além d'isto o talentoso articulista do *Brazil Medico* bem sabe que todo o mundo está disposto a discorrer sobre assum-

ptos de que não entende, que não se deu ao trabalho de estudar e que em um paiz em que os costumes bacharelescos estão tão arraigados, que não é raro encontrar mesmo entre os que não o são essa erudição pedantesca dos que fallam e discutem por ouvir dizer, parece que não se deve levar em conta a opinião de todo o mundo, em um assumpto difficil em que só poucos sabem o que dizem.

O author deplora depois que a igualdade da legislação das duas Faculdades tivesse, como era de prever, tolhido os passos da da Bahia, mas não dá as provas d'esse retrocesso e esqueceu-se de lamentar uma cousa, o que eu faço agora.

E' que não tivessem apparecido ao legislador em 1882, aquelles que agora lamentam-se e que com a sua experiencia, talvez já rica n'aquelle tempo, não tivessem feito em vantagem da Faculdade do Rio o que tentam agora, isto é, cercear as largas bases da reforma alludida.

Diz depois que a criação das duas cadeiras de clinica medica e cirurgica foi muito bem feita no Rio, e que a mesma disposição applicada á Bahia não tinha razão de ser, porque julga serem pouco frequentadas as clinicas ; nós pedimos licença para apontar-lhe uma parte do já citado artigo escripto em 1877 na *Gazeta Medica* da Bahia, vol. 2º, serie 2ª e em que o author, lamentando com eloquencia e criterio as deficiencias do ensino medico, escreve o seguinte periodo que parece feito de proposito para responder ás pretensões restrictivas do ensino medico, que o articulista a quem respondo devia professar ainda 12 annos depois.

«Não pretendemos que as nossas Faculdades de Medicina tenham 32 cadeiras effectivas como a de Paris, segundo a reforma do Sr. Cornil, que o ensino clinico seja feito em quatro cadeiras de clinica cirurgica e outras tantas de clinica medica ; porém não podemos deixar de reclamar especialmente pelo maior desenvolvimento do ensino clinico, e para obtel-o é mister que nossas Faculdades tenham como as escolas de Nantes, Bordeaux, Marselha e outras, duas cadeiras de clinica

cirurgica, duas de clinica medica e uma de clinica obstetrica e gynecologica».

«Não é o material para o ensino dos clinicos que nos falta ; o que convém é saber aproveitá-lo por uma bôa organização.

«Muitas faculdades conhecemos que tem sua séde em logares de muito menor população, com muito menor material clinico do que a nossa e que são dotadas de excellentes clinicas de medicina; cirurgia e partos que tem feito a reputação de grandes notabilidades. »

O Dr. S... que citou em outro ponto, muito satisfeito, a França, como um ideal que se devia seguir, deve também estar contente por este lado: o escriptor da *Gazeta Medica*, que reclamava pela elevação do ensino, trazia em seu apoio, as Faculdades francezas de Nantes, Marselha e Bordeaux, pedindo para a da Bahia as vantagens que estas possuíam, que ella obteve depois, que o collega do *Brasil Medico* deseja também, e que entretanto julga ao mesmo tempo demasiadas.

Passaram-se 12 annos, o numero de matriculas duplicou, e em alguns annos triplicou n'este periodo, a população da cidade augmentou, a mortalidade e numero dos estados morbidos também, e o collega do *Brazil Medico*, que mal conhece a Faculdade da Bahia, nem sabe como são frequentadas as suas clinicas, attesta a falta de doentes e o abandono d'estas.

Acha ainda que as clinicas especiaes de obstetricia, gynecologia, ophtalmologia dermatologia e syphiligraphia, foram creadas ainda muito racionalmente no Rio e não na Bahia, porque lhe faltam professores e doentes.

A primeira asseveração não procede ; todos que conhecem a Faculdade do Rio sabem que em regra geral os serviços de clinica não são mais frequentados do que os da Bahia ; nós já fallamos da affluencia de estudantes dos annos superiores para aqui, e podem todos ver que os dous cursos de clinica medica e um de clinica* chirurgica são sempre seguidos como os mais frequentados do Rio.

Sobre as clinicas especiaes permitta o collega que extranhe

ver especificado aquelle systema, que aliás transparece em todo o artigo, de afeerrolhar o ensino, de não ceder o estudo de certas disciplinas a certos alumnos, a certas populações, ao passo que se dá a outras.

Eu desejaria que me explicassem em que necessidade publica se apoia esta pretensão, no interesse de quem se devia applicar essa restricção absurda?

Será em resultado das suas profundas locubrações sobre o meio que o articulista falla em tal?

Eu queria que me dissessem onde se foi buscar para o cidadão da capital, para o filho do contribuinte da cidade do Rio esse privilegio que é vedado ao da provincia?

Porque razão o conhecimento das clinicas especiaes deve ser moeda corrente para certos medicos e ignorado por outros?

O paiz em que todos os alumnos das Faculdades vão clinicar não tem doentes que careçam de taes cuidados? O author falla em falta de doentes, professores habilitados, etc.

Esqueceu-se porém de entrar nas grandes questões de etiologia que, segundo a sua opinião, tornam impossiveis aqui os casos de gynecologia, syphiligraphia, etc., que são tão frequentes no Rio.

Tratando dos serviços hospitalares desculpar-me-ha ainda o collega a importunidade de algumas ponderações. Sobre este assumpto ha muito que dizer, porque não tem as duas faculdades serviços bem montados; a falta que se nota porem não se deve lançar á faculdade da Bahia, mas á administração do paiz.

Parece que o collega, que julga tudo tão inexcetivelmente feito no Rio, não se referia, supponho eu, a todos os serviços; ao de gynecologia, por exemplo.

Todos os que conhecem a Faculdade do Rio sabem o que aquillo foi até agora, e que por maior que fosse a habilidade e o gosto do professor não podia elle dar n'essa faculdade uma ideia, mesmo pequena, aos seus discipulos do ensino obstetrico nas faculdades da Europa e da America.

O author não prestou, parece, toda a attenção ao estudo dos serviços hospitalares; por mais que prese ao modo um pouco ideal sob o qual lhe apparece sempre a sua querida faculdade, não se pode deixar de dizer que no Rio elles não são bons; na Bahia com muito melhor rasão não o são tambem.

E tudo isto por aquelle pessimo systema, que entretanto o collega tanto defende, da contralisação do ensino, e que talvez estudos profundos sobre o meio desculpem aos seus olhos, mas que não justificação aos nossos que o soffremos até agora.

O author, com o criterio de quem escreve sobre assumpto tão importante, passou por diante dos olhos as verbas absorvidas pelas duas faculdades. Devia ter visto que as despesas que a faculdade do Rio fazia erão negadas sob os mais frivolos pretextos á da Bahia; que se sabia que os que privavam com o imperador e influíam sobre os ministros não perdiam occasião de tirar á faculdade da Bahia os meios de vida, de modo que os orçamentos nunca eram para nós uma verdade.

Muitos artigos sobre o assumpto encontrará o author na *Gazeta Médica*, escriptos em que a verdade e a indignação andavam sempre de par, mas que nem sempre tiveram o poder de desviar a administração d'este triste caminho, em que parece-me que hoje só o collega do *Brazil Medico* se ostenta. Ainda muitas outras disposições regulamentares acha o collega que não poderiam aproveitar á faculdade da Bahia.

Apezar da prevenção que o domina, e dos erros em que labora, nós lhe pediríamos que não fossè tão exclusivo; é uma concessão que mesmo a superioridade do meio de certo permitirá que faça.

O author acha que o governo deveria dar apenas á Faculdade da Bahia bons laboratorios e institutos para o ensino pratico das disciplinas já existentes e julga que ficaria tudo muito bem assim.

Quanto á primeira parte é realmente uma lembrança muito boa e aquelles que têm trabalhado pelo ensino da Faculdade

da Bahia devem estar-lhe agradecidos pela cooperação ; quanto á segunda parte, porém, entendamo-nos.

O ensino medico no Brazil estava tão atrasado que nem a anatomia pathologica fazia parte do programma das Faculdades.

Pois o author acha que esta materia não devia ser ensinada na Faculdade da Bahia !

De modo que quando todos reclamavamos contra as deficiencias do ensino, incompativeis com as nossas aspirações, e a honra da Faculdade ; quando reagiamos contra as injustiças, e perdoe-nos o collega a asperesa do termo, as extorsões que se commettiam com a cumplicidade de altos personagens contra a Faculdade da Bahia em favor da da côrte, que absorvia grande parte das verbas que eram destinadas á nossa, que continuava carecendo do necessario ; emquanto lutavamos com a lei e os orçamentos que o parlamento concedia irmãmente as duas Faculdades contra abusos vergonhosos que impediam que essas quantias não sahisses do Rio ; emquanto todas essas cousas indignas e illegaes recebiam o latego da nossa indignação na imprensa, na tribuna da Faculdade, e até no parlamento, que fazia afinal ordenar a continuação dos laboratorios da Escola, vem o collega arguir-nos por estas faltas e dizer que se não deviam ter creado serviços, alguns dos quaes entretanto já se fazem bem regularmente e que nós queremos e que se farão em pouco tempo como nos bons estabelecimentos d'este genero dos povos mais cultos.

Quando a compressão das provincias, a necessidade de uma grande descentralisação do ensino e de todos os ramos da administração tornavam inadiaveis reformas completas ; quando todos esses soffrimentos accumulados e todas estas exigencias abafadas sob um regimen corruptor e hypocrita faziam rebentar a machina politica pela valvula do exercito, o articulista do *Brazil Medico* vem achar este systema ainda muito brando e vem lamentar o que chama desdenhosamente o bairrismo descabido e tolo do provincianismo, o que prova que, se o seu

espírito subio muito em exclusivismo fluminense e cortesão, conservava-se entretanto muito atrasado no conhecimento do que se passava no paiz; as necessidades do ensino nacional e os progressos, a latitude e o desenvolvimento que dão á instrucção todos os povos modernos.

O Dr. S... acha que os recém-formados da Bahia não deviam ir á Europa aperfeiçoar-se, mäs ao Rio de Janeiro.

Não era preciso tanto trábaho para chegar a este *desideratum*; podia tel-o dito logo em principio. O lugar porém onde irão aperfeiçoar-se ainda por muito tempo os professores d'aqui e de lá não é onde deseja o entusiasta da Faculdade fluminense, mas onde todos os serviços estiverem montados de tal modo que seja proficuo, pouco dispendioso o estudo, instructiva e agradável a viagem,—nas Faculdades da Europa e da America.

E pôde rasoavelmente a Faculdade do Rio pretender este papel de aperfeiçoadora de clinicas especiaes?

Nós já fallamos da maternidade; seria desagradavel citar outros serviços, sem que isto importe de modo algum menos-prêço ás habilitações, gosto, e zelo dos professores d'estas cadeiras, alguns dos quaes o Brazil possui dos mais illustres.

Mas quem não sabe por exemplo que na policlinica do Rio de Janeiro ha muito mais que ver, uma organização muito melhor dos serviços do que na Faculdade?

Quem não sabe que em certos serviços especialmente, é muito mais facil aprender e praticar alli do que no estabelecimento do governo?

A' vigorarem os raciocinios do collega do *Brazil Medico* deveriam ser supprimidos estes cursos.

O author affirma que ninguem poderá tornar-se especialista na Bahia.

Nós não levamos o scepticismo ao ponto de affirmar tambem que ninguem pôderá rasoavelmente tornar-se tal no Rio; seria, embora o interesse insistente com que o collega quer fazer acreditar-o, pouco delicado da minha parte, mas lembro-lhe um

facto que escapou á perspicacia, ao talento e á attenção do collega do *Brazil Medico*.

E que é o seguinte :

Alguns dos mais distinctos especialistas do Rio são bahianos, estudaram e formaram-se n'esta Faculdade, não renderam o desejado *benedicite* a Faculdade fluminense e entretanto acham-se cercados do respeito publico, do conceito lisongeiro dos professores mais provectos do paiz e do estrangeiro.

O Dr. S... deseja em nome de interesses que não aponta e que não são, nem o do bem publico, nem o do desenvolvimento do ensino, nem o da dignidade profissional que se cercêe o ensino da Faculdade da Bahia, porque nos paizes mais centralizados, as Faculdades das cidades de provincia devem ser sempre inferiores ás das capitaes e esperava da reforma que o ministerio — Ouro-Preto — tencionava fazer esta obra conservadora e retrograda, contando com o auxilio do sr. Visconde de Saboia.

Nós a respeito só desejaríamos dizer uma cousa, que a razão é das taes que ninguem cita em seu apoio.

Parece-me que o referido Visconde ou o Sr. Barão do Lorêto, ex-ministro do Imperio, ou qualquer outro homem dotado de bom senso reunido a um pouco de criterio, teria recuado diante d'esta ingrata tarefa de sonegar o pão da intelligencia as populações do Norte do paiz, que possuia para isto todos os direitos que o articulista do *Brazil Medico* póde ter muito desejo, mas que não terá o poder de tirar, recuaria digo eu, diante da indignação de um corpo scientifico respeitavel que teria razões no seu direito e no seu brio para attacar de frente esta arbitrariedade, que nenhum espirito culto poderia desculpar, diante dos brados e da revolta da opinião de um povo que não perdoaria ao bairrismo fluminense o que o author do artigo do *Brazil Medico* queria extorquir ao tolo bairrismo provinciano.

O artigo do Dr. S. deixou-nos uma triste impressão; a impressão que nos deixa sempre uma coisa anachronica ou

pretenciosa como uma excommunhão com que se pretendesse hoje ferir a um livre pensador. O Dr. S., que é um moço, veio fallar-nos de cousas velhas. Veio defender-nos excepções odiosas e impossiveis.

Aquillo a que se póde chamar a decadencia do Imperio apresentou-nos muitas exquisitas surpresas.

Guardas nacionaes bellicosas deveras, armadas de canhões Krupp e outros terrores, editaes unicos no genero, tyrannias em todas as grandes classes da nação, compressão do direito de reunião e de reclamação etc., mas esta ideia de sciencia em razão é uma das mais extravagantemente curiosas que tem apparecido.

Todos sabem que nos navios em perigo e nas cidades cercadas se rationa a agua e o alimento, mas n'este grande paiz tão pobre de saber e tão rico de esperanças raccionar a instrucção devia ser uma cousa celebre.

A vigorar o systema do ensino que para o Rio devia ser na proporção de mil; para a Bahia na de cincoenta, como se distribuiria elle em terras mais barbaras?

Como se discriminaria isto pelas provincias e pelos povos?

O que caberia as pobres villas do sertão, a que entretanto alguns espiritos sonhadores almejam levar a maior porção de instrucção, com boas escolas e material aperfeiçoado, de modo que a casa em que se educa seja a primeira do lugar?

Felizmente alguns dias depois d'esta explosão cortezã e economica o sabre do soldado brasileiro cortou de vez todas estas pretenções.

Esta superioridade da capital sobre as provincias, compativel com o regimen monarchico torna-se impossivel com a organização republicana.

A igualdade civil e dos Estados tornarão ridicula, me parece, a tal utopia de instrucção como com na capital, como dez nas provincias e como não sei quanto mais longe, e que o collega do *Brazil Medico* sustenta com um affan digno de melhor causa.

As ideias do governo provisório são provavelmente as das mais largas reformas e a do ensino não fará excepções em beneficio de certas cidades e em detrimento de outras.

O ministerio Ouro-Preto de que tanto esperava o collega uma reforma ultra-conservadora não teve tempo de effectuar o que pretendia fazer. O visconde de Saboia a quem o articulista do *Brazil Medico* insinuara tão deploravel estreitesa de vistas, deixou de apresentar o que meditava e o collega perdeu as suas inspirações, pelo que lhe envio muito sinceros pesames.

A.

HYGIENE PUBLICA

BASES PARA A ORGANISAÇÃO DE UM ESTABELECIMENTO DE DESINFECÇÃO EM LISBOA

(RELATORIO APRESENTADO AO CONSELHO GERAL DE SAUDE
E HYGIENE)

Serviço de desinfecção

(Concluido da pag. 284)

Se a desinfecção dos locaes for de preferencia feita por meio da atmospheria sulfurosa, é claro que tudo se passa de modo identico, e que só diversifica esta parte do processo, não se empregando a pulverisação, e entrando em scena os meios que desenvolvem gaz sulfuroso com a sua technica propria e muito conhecida. E' muito sabido que a sulfuração, para desinfecção de locaes, deve ser mantida por 24 horas, que os empregados, posta a operação a caminho, e tomadas as devidas precauções contra o risco de incendio, retiram para o posto e só voltam passado aquelle periodo de tempo, e que, finda a sulfuração, se lhe deve seguir o arejo e cuidadosa lavagem dos locaes em que se operou.

Emquanto ás condições propriamente d'installação e de modo de funcionar da estação municipal de desinfecção, não é aqui o logar d'entrar em particularidades; e que somente fique bem expresso o principio da rigorosa incommunicabilidade entre o